

---

## **Notas para a pesquisa em comunicação em um cenário de imigração e formação cultural recentes: o caso de Rondônia**

Sandro Adalberto Colferai<sup>1</sup>

### **Resumo**

Rondônia foi constituída a partir de diferentes levas migratórias desde os últimos decênios do século XIX e, a partir da década de 1960 imigrantes do centro-sul do país configuraram a atual população do estado, que coloca no mesmo espaço descendentes de nordestinos atraídos nos ciclos da borracha, e sulistas ligados à colonização agrícola. O artigo trata de opção metodológica para a abordagem dos meios de comunicação neste cenário, a partir das reflexões de Stuart Hall e Richard Johnson, ligados aos *Cultural Studies* britânicos, e Jesús Martin-Barbero, acerca das sociedades latino-americanas e do seu Mapa da Mediações.

### **Palavras-chave:**

Comunicação; Estudos Culturais; imigração; Rondônia; Mapa das Mediações.

### **Abstract**

Rondônia was formed from different migratory waves from the last decades of the nineteenth century and, from the 1960s immigrants from central-south shaped the current state population, which puts in the same area of northeastern attracted descendants in the cycles of rubber, and southerners related to agricultural colonization. The article deals with methodological option for addressing the media in this scenario, from the reflections of Stuart Hall and Richard Johnson, linked to British Cultural Studies, and Jesus Martin-Barbero, of the Latin American societies and their Map Mediations.

### **Key-words:**

Communication, Cultural Studies, immigration, Rondônia; Map Mediations.

A simples aplicação de modelos pré-concebidos parece não ser adequada quando o objeto de atenção apresenta nuances tão particulares que saltam diante do investigador e se convertem elas próprias no principal ponto de interesse. Estas nuances podem ser o contexto sócio-histórico, as características sócio-culturais daí advindas, ou mesmo a forma como ambos são compreendidos e como se dão as articulações entre o contexto e as características culturais de dada sociedade. De qualquer maneira o que há é a necessidade de se buscar solução específica para o objeto de estudo, um percurso de

---

<sup>1</sup> Mestre em Comunicação Social (PUCRS); professor do Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Rondônia; pesquisador do Grupo Mapa Cultural de Rondônia.

investigação que consiga oferecer condições para a apreensão das relações deste objeto com o seu contexto.

O que há aqui é o esforço de buscar a mais adequada forma de abordagem das questões culturais pertinentes ao estado de Rondônia, este parte da Amazônia brasileira, uma sociedade de formação recente, permeada pela experiência de intensa imigração e à qual é imposto o embate entre diferentes representações e, conseqüentemente, de identificações contraditórias, uma vez que ocorreu o brusco contato entre práticas culturais distintas, o que leva à constituição de discursos fragmentados. A abordagem privilegia basicamente os textos de mídia produzidos na sociedade com estas características, e ali postos em circulação. Assim se impõe a definição do conceito de texto e das formas como devem ser apresentados e encarados os circuitos de investigação a serem utilizados.

Assim, a opção por abordar questões sociais a partir da análise dos textos postos em circulação num dado contexto é aqui privilegiada. Esta posição é lançada, originalmente, dentro do espaço dos Estudos Culturais – paradigma partir do qual se organizam nossas reflexões – por Raymond Williams<sup>2</sup>, principalmente ao estabelecer os instrumentos teóricos do materialismo cultural. Inspirado nessa contribuição não se assume a análise do texto em si como suficiente, posto que ele deve ser encarado em suas ligações com o contexto sócio-histórico em que se dá sua produção.

Historicamente a ocupação da Amazônia sempre se deu de maneira precária, com povoações sendo instaladas seja por ordens religiosas, seja em função da exploração de metais preciosos ou para o extrativismo vegetal, mas sempre com o propósito de retirar da região o máximo no menor tempo possível. O impacto da presença do homem de cultura européia, cristã, sempre deixou marcas, mas a paisagem humana e natural pouco se alterou. Os primeiros sinais de uma ocupação sistemática são percebidos com a exploração da borracha, mas foi a partir da chegada dos imigrantes que buscavam se fixar, primeiro sob o Estado Novo, depois por incentivo dos governos militares (PINTO, 1993), que passou a haver maior impacto no modo de vida da Amazônia, com a floresta, seu elemento primordial, sendo posta a baixo, vista como obstáculo ao modo de vida que migra junto com o colono, uma vez que o espaço deve ser transformado em pastagens e plantios comerciais.

[houve] assim a invasão sorrateira de toda a floresta por gente desalojada dos latifúndios e até dos minifúndios de todo o Brasil, que ali está aprendendo a viver na mata, criando um novo gênero de ocupação que ainda não se configurou (RIBEIRO, 2006, pp. 278, 279).

---

<sup>2</sup> Este posicionamento é explicitado já nas abordagens tomadas como fundadoras dos Estudos Culturais: *Culture and Society* (1958), de Raymond Williams; e *The Uses of Literacy* (1957), de Richard Hoggart (ESCOSTEGUY, 2001, pp. 21, 22).

Frente às novas realidades que se impõem na Amazônia, a região constitui de fato um desafio para o Brasil. E trata-se de um desafio que deve ser encarado a partir de sua população, heterogênea, na maior parte ainda em fase de adaptação ao meio e, principalmente, carente de políticas públicas que reconheçam suas características, suas particularidades, e com isso ofereçam condições de realizar intervenções eficazes. É neste contexto que compreender quais são os discursos em circulação na região ganha relevância. Os meios de comunicação como componentes sociais, principalmente aqueles que atuam na Amazônia com mensagens ali sendo produzidas e consumidas, são pontos cruciais para enxergar a região e a maneira como os amazônidas vêem a si mesmos. São responsáveis pelo surgimento, e agentes de propagação, de representações que podem estar sendo tomadas como uma identidade própria da Amazônia, por exemplo.

Ao propor questões frente a uma sociedade com tais características é preciso ter claro que se trata de uma totalidade, complexa, com momentos particulares que não devem ser esquecidos. E estes momentos ou instâncias particulares, responsáveis pela complexificação, devem ser identificados a fim de se conseguir apontar quais são os elementos que compõem tal totalidade, pois “você tem que identificar as diferenças para saber o que as articula” (HALL, 2006, p. 339).

O estado de Rondônia é exemplo das complexidades que permeiam o espaço amazônico e as suas populações. Trata-se de uma sociedade em formação que teve um crescimento vertiginoso principalmente nas décadas de 1970 e 1980, quase exclusivamente em função de levadas migratórias oriundas das regiões Sul e Sudeste. Pessoas com referências identitárias diferentes se encontraram num espaço diverso e estabeleceram as bases da nova sociedade. E os primeiros imigrantes ainda estão vivos, e uma segunda geração acaba de chegar à maturidade. Tudo aquilo que já é dado histórico com relação à formação cultural em outras partes do Brasil, em Rondônia é um processo em andamento que ainda está no princípio, com conflitos e disputas simbólicas – não raro transportadas para embates físicos – na busca por espaço para que uma das posições se estabeleça como a representação preferencial do que é ser rondoniense e, numa escala maior, amazônida.

### **Imigração e formação cultural recente**

O contexto em que as práticas culturais são legitimadas e postas em circulação em Rondônia, no qual os textos de cultura são apropriados, produzidos e reproduzidos, é o da migração, uma ocupação irregular ao longo dos séculos XIX e XX, em que membros de diferentes populações são postos em contato em um ambiente diverso e adverso. Aí são dados os elementos essenciais para a compreensão das práticas simbólicas na Amazônia. A primeira leva de imigrantes – composta quase que exclusivamente por nordestinos – teve como principal rota de acesso os rios da região, o que significa dizer

que alcançaram seus destinos a partir do rio Amazonas e seus afluentes – aqui nos interessa os imigrantes fixados à margem direita do rio Amazonas, em especial na região do Alto Madeira<sup>3</sup> para a exploração da borracha. Trata-se então de uma população que se distribuiu no sentido norte-sul. O segundo grande grupo de imigrantes – este constituído por colonos do centro-sul brasileiro, com claro destaque para a região Sul – chega à região distribuindo-se a partir da borda da Amazônia, no sentido sul-norte, uma vez que a estratégia do governo federal incluía a construção de estradas para facilitar esta penetração.

Thiéblot (1977) nomeia os complexos culturais, transpostos pelos dois grandes grupos de imigrantes para Rondônia, como cultura *amazonense* – esta já constituída a partir de bases nordestinas – e cultura do *migrante do sul*. O encontro entre eles constitui aquilo que agora pode ser considerada uma fronteira interna no Brasil, movimentos populacionais distintos, tanto na sua constituição como nos períodos em que se deram. As práticas culturais, as representações simbólicas apreendidas por um e outro grupo e, principalmente, a relação que mantêm com o meio ambiente que os cerca são absolutamente distintas umas das outras.

Culturas distintas entre si, as trocas que se estabelecem entre os seus componentes são tomadas como as bases para a constituição de uma cultura própria de Rondônia. No entanto não é um movimento de integração que se percebe no percurso sócio-histórico do estado, mas, ao invés disso, a subjugação e a conseqüente substituição de um complexo cultural e de seu sistema de representação por outro. As populações tradicionais – ou a cultura *amazonense*, como prefere Thiéblot – têm o seu modo de vida e as formas de conhecer e de se fazerem conhecer invadido e desqualificado frente ao modo de vida trazido pelos novos imigrantes. Para isso corroboram ações oficiais, principalmente através da ação do INCRA<sup>4</sup>, que garantiam apoio técnico aos colonos<sup>5</sup>, enquanto as atividades tradicionais eram praticamente ignoradas.

Os seringueiros desenvolveram ao longo das décadas uma relação de troca com o seu ambiente, notadamente a floresta, se apropriando de mitos indígenas e adaptando outros à nova realidade. Os colonos, a segunda grande leva migratória, tanto pela sua experiência como pelo modelo de desenvolvimento proposto por órgãos oficiais, tinham posição distinta, uma vez que a sua atividade exigia a intervenção na natureza: para

---

<sup>3</sup> Como Alto Madeira reconhece-se a região que margeia este rio a partir do município de Humaitá (AM), até a divisa entre Brasil e Bolívia, aí já no estado de Rondônia.

<sup>4</sup> O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, INCRA, foi o órgão responsável pela colonização de Rondônia e pela criação de projetos de assentamentos, além de ter fomentado a criação de núcleos urbanos.

<sup>5</sup> Aqui o termo “colono” é usado para todos os indivíduos voltados para atividade agrícola e que, na sua maioria, chegaram a Rondônia a partir da década de 1970, de uma forma ou de outra em função das políticas oficiais do governo federal. Cemin (1992) diferencia “colonos” e “capitalistas agrários”: os primeiros seriam os trabalhadores do campo e pequenos proprietários, enquanto os outros são latifundiários. Tal distinção não é assumida aqui.

plantar era necessário substituir a floresta pela lavoura. Isso levava à negação da relação de reciprocidade com a floresta (CEMIN, 1992; TEIXEIRA, 1996). Práticas diferentes e distintas formas de encarar o ambiente e uns aos outros: estava dado o contexto da disputa cultural a ser travada. E as disputas travadas no campo da cultura encontram nos meios de comunicação social um local privilegiado de investigação.

Reconhecidos como a nova população de Rondônia, e sob os auspícios do Estado, os imigrantes colonos conquistam espaço na economia e na política e impõem suas práticas culturais no novo espaço. A legitimação de sua cultura se dá pela criação de espaços de reprodução das práticas trazidas na bagagem, e no lento e constante apagamento das práticas ribeirinhas. Mas, isso não se dá sem negociações e mútuas apropriações. Elementos da cultura ribeirinha estão integrados às práticas dos colonos, que precisaram aprender a viver no novo ambiente, enquanto ribeirinhos assimilaram elementos da conformação social que se impôs em Rondônia a partir dos anos 1970. O que há, então, é um processo de constantes encontros de culturas, mas com a prevalência do complexo cultural da colonização, enquanto os espaços que passam a ser ocupados pela cultura ribeirinha se configuram como áreas de resistência. Este é o tom dos conflitos existentes a partir da vivência em um ambiente híbrido e diaspórico, que torna também possíveis as existências de representações tão díspares como o boi-bumbá e o rodeio da festa agropecuária, mas é também uma vivência que torna possível circular entre umas e outras (COLFERAI, 2009b).

É neste contexto que surge a ação política que tem suas bases assentadas nos grupos formados a partir da colonização agrícola, que legitima suas práticas e atende suas demandas. A institucionalização da cultura do colono se reflete nas ações do Estado, na atenção dispensada à manutenção e ampliação do espectro do agronegócio, seja na legalização de propriedades rurais, na sanidade animal, na ampliação de áreas para lavouras extensivas, ou na organização das cidades como lugar de suporte para o complexo agropecuário, e, por fim, na presença marcante do Estado nos eventos e festas voltados para a celebração destas práticas. É nas festas que surge um marcante contraste: o Estado assume uma postura populista ao se apresentar como *tutor* dos eventos ribeirinhos, ao mesmo tempo em que assume tais práticas como *diferentes* (COLFERAI, 2009a), e as transforma em espetáculo deixando de identificá-las com o que é próprio de Rondônia.

O populismo tornou possível para os setores populares novas interações com a modernidade, tanto com o Estado quanto com outros agentes hegemônicos: que suas demandas de trabalho, moradia e saúde sejam parcialmente escutadas, que os grupos subalternos aprendam a relacionar-se com funcionários, fazer trâmites, falar por rádio e televisão, fazer-se reconhecer. [...] Nesse processo é importante a convergência do populismo político com a indústria cultural (CANCLINI, 2006, p. 265).

Neste movimento as demandas apresentadas pelos setores populares não encontram total acolhida junto ao Estado e os meios de comunicação se convertem na alternativa para que suas demandas sejam apresentadas e haja a expectativa de supri-las. São os meios que substituem o Estado como mediadores entre os setores populares e sua vivência cotidiana e, ao oferecer um dilúvio de narrativas fragmentadas, garantem a sensação de informação e participação.

### **Texto e textualidade**

Por Texto – com maiúscula –, tal como aponta Nick Couldry (2000), entende-se “[...]um complexo de significados interrelacionados que seus leitores tendem a interpretar como um todo distinto e unificado”<sup>6</sup> (COULDRY, 2000, pp. 70, 71). Assim, o texto é encarado como um objeto aberto, com toda uma gama de significações acionadas a partir de determinada leitura, seja pelo conhecimento prévio do “leitor”, seja pela ligação que se faz com outros “textos”, e não como objeto fechado sobre sua própria estrutura. O conceito de texto então solta as amarras que o mantiveram como um objeto lingüístico e pode ser encarado a partir das mais diferentes formas, seja camisetas, brinquedos, filmes e qualquer outra manifestação significativa.

A isso Couldry liga a noção de *textualidade*, esta fundamental, uma vez que o Texto não deve ser tomado como ponto de partida para a investigação, mas os significados por ele acionados. Como *textualidade*, então, compreende-se a maneira como os diferentes Textos são encarados pelas audiências, seja na forma de recebê-los ou mesmo nas relações feitas a partir deles. É o que ocorre, por exemplo, com os textos colocados em circulação sob a forma de filmes ou revistas. Enquanto no cinema admite-se que o espectador ficará nele concentrado até o final, na leitura de impressos reconhece-se que pode haver atenção fragmentada. De qualquer forma o que interessa saber, em ambos os casos, é sob quais convenções esses Textos são “lidos”, e por quem? Aí, liga-se à noção de *textualidade* a idéia de *intertextualidade*, pois os leitores acionam todo um repertório prévio sob o qual têm conhecimento sempre que são colocados em contato com um novo Texto. Como destaca Couldry, dar conta das questões que envolvem *textualidade* e *intertextualidade* requer ir além de questões subjetivas, e estar atento às “operações reais do campo textual contemporâneo”<sup>7</sup> (COULDRY, 2000, p. 72).

A partir destas noções Couldry aponta para uma questão que parece fundamental diante do objeto que se tem em vista aqui: como fazer análise textual diante de uma enorme proliferação de textos? Em seguida parece deixar a pista para uma resposta, pois destaca que o objeto de estudo não deve ser um conjunto determinado de textos, mas

<sup>6</sup> “[...] a complex of interrelated meanings which its readers tend to interpret as a discrete, unified whole” (tradução minha).

<sup>7</sup> “[...] actual operations of the contemporary textual field” (tradução minha).

todo o ambiente textual, como funcionam e como ocorrem as negociações dos leitores diante dele. O descentramento da noção tradicional de texto é fundamental para a leitura proposta por Couldry, e tal posicionamento leva a outro descentramento: "Ao invés do texto ser fonte de certeza, tornou-se o lugar de um enigma, ou pelo menos de cuidadosa exploração"<sup>8</sup> (COULDRY, 2000, p. 87).

A apreensão de "todo o ambiente textual" coloca em destaque a necessidade de se obter uma visão ampla da realidade que se pretende abordar. Não se trata de tarefa simples, pois qualquer olhar sobre um todo requer a compreensão dos complexos sobre os quais se organiza uma sociedade. Modelos de circuitos de cultura e comunicação têm sido propostos a fim de dar conta dos diferentes momentos e instâncias que compõem este campo, primordialmente interdisciplinar, de modo que possa comportar posições sociais e pontos de vista diversos, como pode-se anotar a partir de Johnson (2004) e Hall (2006).

A constituição de circuitos pode então ser tomada como opção possível para apreender tanto as determinações impostas como as aberturas possíveis. Ao tratar do modelo de Codificação/Decodificação, Hall (2006, p. 336) argumenta que ele vale mais pelo que sugere do que como um mapa acabado para investigação no campo da comunicação e da cultura. O modelo propõe questões e mapeia um terreno, abre possibilidades de abordagem, em especial por considerar a não homogeneidade tanto do momento da produção como do momento da recepção, o que pode ser estendido aos mais diferentes objetos de investigação, uma vez que mais do que apresentar fins o que há é meios para a abordagem da cultura na comunicação.

Com isso é possível compreender que tanto a constituição das competências próprias da produção de Textos como das competências para sua recepção são constituídas em diferentes momentos, articulados entre si. A fragmentação analítica dessa totalidade permitiria compreender o todo, mas para isso é preciso não perder de vista que os momentos apontados não são auto-suficientes, mas parte de um complexo e que somente nele cada parte tem sentido. A constituição de mapas/circuitos de pesquisa que partam dessas premissas permite a devida adequação às particularidades de um objeto, passando ao largo de reduções que podem prejudicar sua devida compreensão.

É dentro dessas premissas que constituir, ou assumir, um circuito de comunicação e cultura parece pertinente ao abordar uma sociedade ainda em processo de constituição, em que, em função de recente e intenso movimento migratório, não há valores tradicionais cristalizados. Ao tomar textos postos em circulação pelos meios como objeto para a investigação desta sociedade na sua intersecção com o campo da comunicação, uma série de elementos precisa ser considerada: a constituição sócio-histórica; as bases culturais sobre as quais procura se assentar esta sociedade; os

---

<sup>8</sup> "Instead of the text being the source of certainty, it has become the site of an enigma, or at least cautions exploration" (tradução minha).

discursos que se institucionalizam; as práticas profissionais; as tecnologias e formatos disponíveis; e, finalmente, os textos produzidos. Em cada uma dessas instâncias é possível encontrar tanto elementos estruturais como espaços para a ação dos sujeitos, e é na articulação entre elas que se tornará possível a compreensão de como se dá o preenchimento das lacunas existentes no embate constituidor das relações sociais articuladas na cultura e na comunicação.

### **Mapa das Mediações**

Ao traçar um mapa para investigação em comunicação pode-se assumir posicionamentos preferenciais pelos quais é preciso apresentar diferenciações e especializações na organização social, nas esferas da ciência, moral, cultura, economia e política, por exemplo. No entanto, tais posições são superadas ao se reconhecer que há deslocamentos nestas diferenciações e não se pode mais admitir o olhar a partir das especializações (MARTIN-BARBERO, 2004, pp. 224, 225). A consequência é a necessidade de se olhar para o quadro como um todo, sem reduzi-lo ao ponto de incorrer em visões homogeneizadoras. Novos Textos são colocados em circulação a partir dos deslocamentos levados a efeito em nossas sociedades, esta uma ação em que a comunicação tem papel preponderante, uma vez que atravessa e desterritorializa discursos.

Esta articulação está presente na América Latina principalmente em função de seu contexto sócio-histórico. Os Textos postos em circulação no continente são atravessados pelos mais diferentes significados em função da formação das populações, e a abordagem deles a partir de sua *textualidade* é fundamental para buscar compreensões sobre as estratégias assumidas pelos leitores/produtores latino-americanos. Para Martin-Barbero pensar a comunicação na América Latina é cada vez mais uma tarefa de envergadura antropológica, uma vez que se trata de colocar em evidência operações que trazem à discussão "estratos profundos da memória coletiva, ao mesmo tempo em que movimentam imaginários que fragmentam e des-historicizam" (MARTIN-BARBERO, 2004, p. 209). Estes estratos profundos podem ser compreendidos como elementos determinantes na instituição de *intertextos* responsáveis pela apreensão de Textos e das suas formas mais subjetivas.

Ao movimentar imaginários há o deslocamento histórico que acaba por criar novos *contextos* des-historicizados que, por sua vez, podem legitimar os mais diferentes posicionamentos assumidos por grupos hegemônicos numa sociedade. Esta é a dinâmica que se verifica, empiricamente, no movimento migratório para a ocupação do Centro-Oeste e Norte brasileiros. Em Rondônia, especificamente, ao assumir o discurso desenvolvimentista a partir da década de 1960 – o que implicou na substituição do modelo sócio-econômico do então território federal – foi necessário criar novos contextos



sob a idéia de oferecer “uma terra sem homens, para homens sem terra” e “integrar para não entregar” a Amazônia<sup>9</sup>. Um novo conjunto de representações, calcado na exploração madeireira, na agricultura e na pecuária, precisou antes deslocar a história até ali construída, para a partir de um novo *contexto*, des-historicizado, apresentar sua própria história.

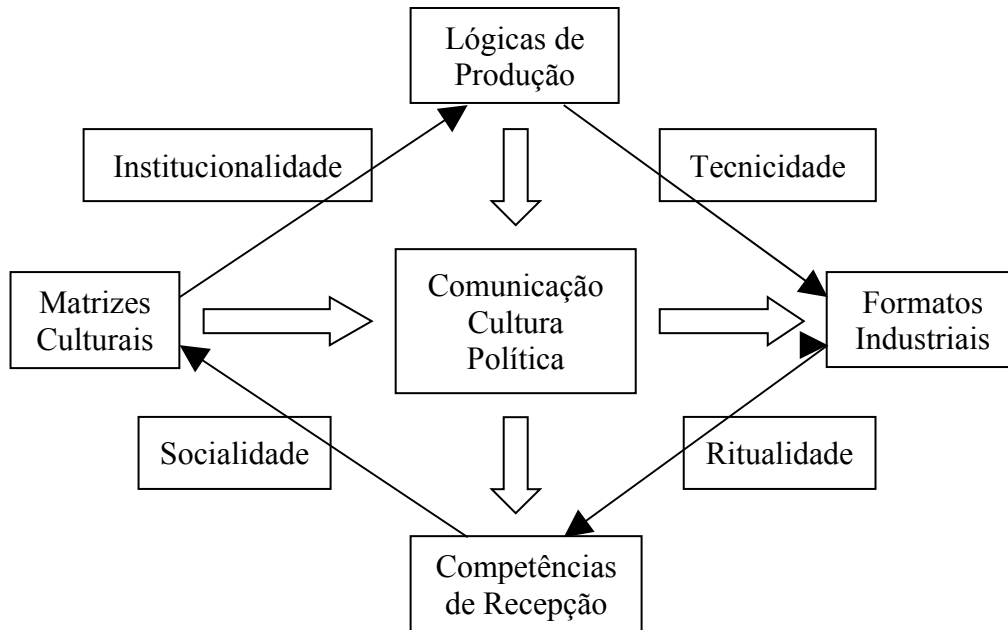
Na América Latina, as particularidades da região e a necessidade de organizar um pensamento próprio fizeram com que novos posicionamentos fossem adotados a partir de movimentos como os advindos da globalização. Assim surge a consciência de que tratar o tema das mídias e das indústrias culturais é cada vez mais um estatuto transdisciplinar, o que se reforça pela “multidimensionalidade dos processos comunicativos e sua gravitação cada vez mais forte em torno dos movimentos de desterritorialização e hibridações que a modernidade latino-americana produz” (MARTIN-BARBERO, 2004, p. 219).

As mudanças na tecnicidade e na identidade latino-americanas fazem com que seja necessário pensar as mediações culturais em sua complexidade de Textos e profusão de sentidos, as *textualidades* postas em circulação. Para isso Martin-Barbero propõe o mapa em que os diferentes momentos, da produção à recepção de Textos, são contemplados de forma articulada, sem que nenhum deles se sobreponha, mas funcionem em conjunto<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> Trata-se de slogans da propaganda do governo federal para motivar o deslocamento de trabalhadores rurais, e mesmo grupos urbanos, para o Centro-Oeste e Norte do Brasil (OLIVEIRA, 2007, p. 122; SOUZA, 2001, p. 51).

<sup>10</sup> Martin-Barbero tem proposto mudanças no seu Mapa Noturno, entre as quais está a retirada das mediações da *institucionalidade* e da *socialidade*, por ele agora consideradas “tradicionais”. São alterações que entre outras levam a tratar agora de “mediações comunicativas da cultura” (MARTIN-BARBERO, 2009).



**Figura 1** – Mapa das Mediações  
Reprodução do Mapa proposto por Jesús Martín-Barbero (2003, pág. 16)

A articulação pensada por Martín-Barbero tendo como objeto a América Latina, imersa no que se denomina tardomodernidade, parece adequada para pensar também as articulações que se fixam na sociedade amazônica frente aos contatos entre imigrantes e populações tradicionais.

As Matrizes Culturais (MC) são as bases sobre as quais se assentam as práticas culturais de uma sociedade, ou grupo social. Trata-se das práticas em circulação, mas também das práticas residuais, estas remanescentes de um percurso histórico-social que transforma as práticas que marcam um coletivo. As Lógicas de Produção (LP) se referem às dimensões econômicas, ideologias profissionais e rotinas produtivas; à capacidade de interpelar públicos audiências e consumidores; e aos usos das tecnicidades. Entre MC e LP está posta a mediação pela *institucionalidade*, que remete à tomada de discurso pelo Estado, que busca dar estabilidade à ordem constituída; e seus usos pelos cidadãos, maiorias e minorias, que buscam defender seus direitos e fazer-se reconhecer.

A próxima instância no esquema de Martín-Barbero, os Formatos Industriais (FI), diz respeito aos “produtos” que são postos em circulação, referindo-se diretamente aos *discursos públicos*. Em função do contexto sócio-histórico-cultural os formatos dos discursos se alteram para conformar os interesses postos em movimento. A mediação entre LP e FI é feita pela *tecnicidade*, que remete aos suportes técnicos utilizados, mas, mais do que isso, aos operadores perceptivos apresentados por eles. É assim que se pode abordar os novos cenários surgidos desde a globalização e do uso da internet. É preciso, como frisa Martín-Barbero (2003; 2004) atentar que se trata de questionamentos acerca do novo estatuto social da técnica e não da técnica como um fim em si.

Por fim as Competências de Recepção (CR), que dizem respeito aos mecanismos utilizados pelos receptores/consumidores das mensagens e postos em ação no momento de decodificar as mensagens em circulação. A mediação entre FI e CR é feita pela *ritualidade*, que remete ao nexos simbólico que sustenta toda a comunicação, a ancoragem na memória, aos seus ritmos e formas. Ainda ligada às CR está a mediação da *socialidade*, esta ligada também às MC, fechando o circuito. Esta mediação diz respeito à práxis comunicativa e resulta dos modos e usos coletivos da comunicação: interpelação/constituição dos atores sociais e suas relações com o poder.

Dois outros movimentos se impõem no mapa, um diacrônico, entre MC e FI, e outro sincrônico, entre LP e CR. Nos dois casos as mediações entre estas instâncias são feitas pela tríade Comunicação, Cultura e Política. A *comunicação* é assumida como lugar estratégico para o contato entre grupos com diferentes práticas simbólicas, um “motor de desengate e inserção de culturas” (MARTIN-BARBERO, 2003, p. 13), e os meios de comunicação podem ser tomados como locais privilegiados para a verificação da forma de articulação entre diferentes grupos sociais. A *cultura*, na articulação proposta por Martin-Barbero, é tomada sem a divisão de ambientes especializados da antropologia e da sociologia. Esta divisão desaparece à medida que aumenta a especialização comunicativa do cultural pelos meios, estes apresentados como sistemas de “máquinas produtoras de bens simbólicos ajustados aos seus ‘públicos consumidores’” (MARTIN-BARBERO, 2003, p. 14). É a especialização comunicativa da cultura que ajusta os bens simbólicos ao público consumidor, o que acaba por obscurecer a divisão da cultura entre as visões antropológica e sociológica, e contribui para tomada de toda a vida social, antropologizada, como cultural. O âmbito da *política* tem a comunicação e a cultura como campos primordiais de batalha, uma vez que é através das práticas e de sua tomada pelos meios que se dão as negociações em sociedade. Os meios, então, não se limitariam a traduzir as representações existentes, nem de apenas as substituir, mas passam a constituir uma cena fundamental da vida pública. E a política, uma vez que é feita através dos meios de comunicação, invade o espaço doméstico, cotidiano, toda a vida social.

O esquema, concebido de forma circular, pode ser percorrido – *a priori* – em qualquer sentido, com diferentes formas de abordagens de suas instâncias. Assim, se a partir das MC se buscar o olhar sobre a *socialidade*, a comunicação revela-se pela questão dos fins; por outro lado, se vista a partir da *institucionalidade* a comunicação é convertida em questão de meios, ou seja, da produção de discursos públicos. Do mesmo modo, ao se olhar para a relação entre CR e FI, a mediação da *ritualidade* pode, se vista a partir dos meios, tratar da imposição de regras nos jogos de significação e situação; e, se vista a partir dos receptores, referir-se o uso social dos meios pela audiência.

Mas, em qualquer das direções a atenção está centrada nas mediações, estas fundamentais para compreender os significados que são apropriados na sociedade entre cada um dos momentos de produção de sentido. As mediações da *institucionalidade*, *tecnicidade*, *ritualidade* e *socialidade* dão a trama das relações em cada um dos momentos do circuito. São os mediadores socioculturais que propiciam o surgimento de novos atores e movimentos sociais, introduzem novos sentidos do social e novos usos sociais das mídias.

Este esquema busca, em última instância, abranger todos os momentos, desde a produção até o consumo dos Textos, ao mesmo tempo em que apresenta possibilidades de apreender as estratégias pelas quais se articulam as *textualidades* através dos diferentes *intertextos* possíveis. Há aqui o cruzamento entre comunicação e cultura como forma de compreender como se dão as interações em sociedade, em especial na América Latina, uma vez que abre espaço para as diferentes nuances que são apresentadas neste contexto específico.

### **Circuito de investigação**

Ao admitir que há um grupo predominante em Rondônia, em termos de representações em circulação, suas representações identitárias encontram espaços nos meios de comunicação social, enquanto outros grupos não encontrariam espaço para suas próprias representações. Tal grupo predominante seria constituído pela parcela de imigrantes chegados ao estado a partir da segunda metade do século XX e ligados a atividades agropecuárias, ao tempo em que o grupo com um papel que pode ser tomado como secundário é aquele constituído pela população já fixada em Rondônia antes de 1960. E, na ausência de referências culturais comuns, as diversas práticas tornam-se passíveis de serem tomadas como representativas de toda a população. É este o princípio a partir do qual é aberto um canal para legitimar determinadas práticas culturais, em detrimento de outras, como próprias da identidade do rondoniense.

Uma vez que a preocupação é com a instância da produção de textos midiáticos, apenas uma parte do Mapa das Mediações pode ser utilizada, com três instâncias e as mediações existentes entre eles. Assim, o percurso a ser cumprido se inicia nas Matrizes Culturais (MC) e segue até os Formatos Industriais (FI), passando pelas Lógicas de Produção (LP). As mediações que serão objeto de análise, fundamentais para a compreensão dos diferentes momentos do percurso e como se estabelecem, modificam e solidificam as relações entre eles, serão a *institucionalização*, entre MC e LP; e a *tecnicidade*, entre as LP e os FI.

Cada um dos momentos do mapa de investigação aqui apresentado é abordado de forma específica, a fim de dar conta das necessidades que se impõem. É assim que estratégias específicas devem ser adotadas para cada instante da investigação, sempre

tendo a articulação e cruzamentos entre elas como os mais importantes fatores a serem considerados.

As Matrizes Culturais são tomadas como as práticas residuais, tal como compreendido por Raymond Williams a partir dos conceitos de culturas arcaica, residual e emergente. A primeira se refere a práticas não mais em circulação, enquanto as residuais diferem delas justamente por ainda estarem vivas, terem relevância num contexto cultural contemporâneo (KARAM, 2009). As práticas emergentes, por sua vez, são aquelas de conformação recente, ainda em busca de consolidação entre os grupos sociais. A noção de cultura residual é tomada de acordo com a apropriação de Martin-Barbero (2003), como uma cultura ainda vivida no cotidiano e nas representações em circulação. A busca é por identificar as raízes das práticas atuais da população de Rondônia, transformadas ou não pelo contato com outras práticas, todas colocadas em circulação no estado por grupos de imigrantes que chegaram ao longo do século XX. Ao mesmo tempo em que as diferentes levas de imigração serão contempladas, a intensificação das entradas a partir da década de 1970 deve ser privilegiada, tanto por constituir o maior contingente – tanto absoluto quanto relativo – como por se tratar do grupo que atualmente é predominante nos contextos sócio-econômico e político em Rondônia.

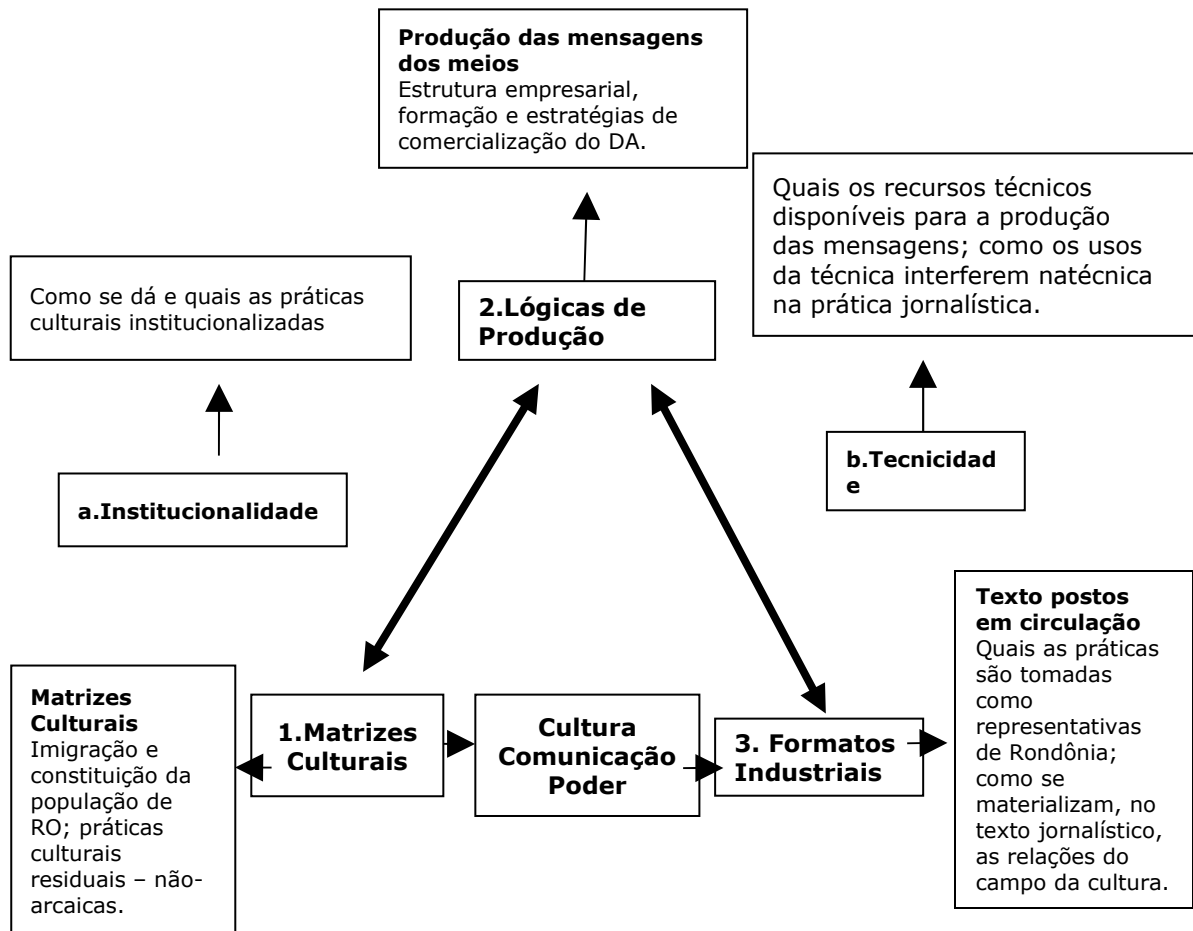
Entre as Matrizes Culturais e as Lógicas de Produção há a mediação da *institucionalidade*. É a partir desta mediação que se buscará compreender a regulação de discursos, principalmente do Estado, que acabam por ser apropriados por outras instâncias da sociedade. Uma vez que existam interesses contrapostos, por parte do Estado a busca é por dar estabilidade à ordem constituída, enquanto por parte dos cidadãos, tanto maiorias como minorias, busca-se defender direitos e fazer-se reconhecer. Nesse movimento há a legitimação dos discursos pelas instituições e, no âmbito da comunicação, passa a estar em questão a produção de discursos públicos pelos *meios*, mas cuja hegemonia encontra-se, paradoxalmente, do lado dos interesses privados. Ao mesmo tempo, para Martin-Barbero, há a busca por outras institucionalidades que possam dar conta dos deslocamentos da cidadania para o âmbito da cultura e, no plano da representação, para o do “*reconhecimento* instituinte” (MARTIN-BARBERO, 2003, p. 18).

A busca pela compreensão das Lógicas de Produção passa pelo questionamento de três outras instâncias: a estrutura empresarial, competência comunicativa e competitividade tecnológica. Por estrutura empresarial, como já referido, Martin-Barbero compreende as dimensões econômicas, ideologias profissionais e rotinas de produção; já a competência comunicativa é a capacidade de interpelar públicos, audiências e consumidores; enquanto a competitividade tecnológica diz respeito à próxima mediação do percurso proposto. A *tecnicidade* é a mediação que se estabelece entre as LP e os FI,

e diz respeito ao delineamento do novo cenário que procura se impôr, o da globalização, e as formas como se dá a conexão entre os diversos âmbitos da produção dos discursos dos meios. Neste ponto é fundamental ter claro que mesmo havendo aqui a atuação clara da técnica, as questões que devem ser levantadas não podem ser a ela reduzidas. Trata-se de um "novo estatuto social da técnica", com o restabelecimento de sentidos do discurso e da *práxis* política (MARTIN-BARBERO, 2003, p. 19), mais a maneira como são utilizados os equipamentos proporcionados pela técnica do que o acesso a eles.

A última instância são os Formatos Industriais, ou os textos produzidos pelos meios de comunicação de Rondônia – aqui foco de interesse –, o que implica a sua análise através de *contexto* específico e diretamente ligado às MC e a cada um dos diferentes momentos e mediações anteriormente listadas. A busca é por elementos residuais das MC, mediados pelos outros momentos do circuito proposto. Assim o que se privilegia são os Textos de cultura que estão submersos nos formatos, nas narrativas construídas pelos meios – o que implica a consideração de uma sempre presente *intertextualidade* – que possam ser tomados pelos produtores deste discurso como representação do local. A conclusão do circuito proposto remete diretamente ao seu início, em função da relação diacrônica existente entre as MC e os FI.

Uma representação possível deste circuito de investigação pode ser apresentada a partir de um mapa conceitual, como o sugerido abaixo (figura 3). Este deve, ser tomado da mesma forma como indica Johnson (2004, pp. 32, 33): como uma ilustração, ao invés de um modelo a ser seguido sem qualquer modificação – posição, aliás, corroborada pelas reflexões dos demais teóricos que tomamos como ponto de partida para a nossa reflexão. O Mapa de Pesquisa aqui apresentado é, então, antes de tudo uma possibilidade aberta a contribuições, percepção fundamental para a apreensão dos objetos de pesquisa em suas particularidades.



**Figura 2 – Mapa de Pesquisa\***

\*Elaborado a partir do mapa conceitual de Felippi (2006)

### A título de conclusão

Ao se deter sobre o processo de formação da sociedade rondoniana e da conformação dos meios de comunicação em Rondônia, novos olhares precisaram ser lançados. Reconhecer, mesmo numa redução, Rondônia como uma sociedade de antagonismos, mas sem dualismos limitadores, foi fundamental para tentar compreender os mecanismos submersos na produção das mensagens pelos meios de comunicação social do estado. Este posicionamento tem suas bases nos reconhecimentos que se dão a partir das práticas culturais que significam como representações de um lugar de chegada – e esse é um ponto importante para compreender Rondônia, uma sociedade formada a partir da experiência recente da imigração – e dos lugares deixados para trás.

Neste ambiente de encontro de culturas, as demandas históricas fazem surgir a preponderância das práticas dos colonos sobre os ribeirinhos e, para isso, fundamental foi o apoio do Estado para a fixação desta população imigrante e o reconhecimento de

sua organização social e sua integração ao conjunto mercantil brasileiro como legítimas. Tal cenário aponta para as motivações que levam a privilegiar as práticas culturais do colono em detrimento daquelas próprias de uma cultura ribeirinha, mediadas por fatores que extrapolam qualquer redução. É aqui que as condições vão ao encontro do que Jesús Martin-Barbero aponta como o movimento diacrônico no Mapa das Mediações.

Trata-se do movimento que estabelece uma relação direta entre as Matrizes Culturais e os Formatos Industriais, o que “remete à história das mudanças na articulação entre *movimentos sociais* e *discursos públicos*, e destes com os modos de produção do público que agenciam as formas hegemônicas de comunicação coletiva” (MARTIN-BARBERO, 2003, p. 16). Este movimento permite deixar de lado maniqueísmos estruturais e pensar as relações e as tramas que se formam entre grupos sociais, sobre um pano fundo que sempre deve considerar as especificidades históricas, e abrir mão das abordagens fragmentadas convertidas em garantia de rigor e critério de verdade, que sustentam o paradigma hegemônico. É a partir das especificidades que se formam

A comunicação assume papel fundamental para compreender as intersecções entre as realidades sociais distintas em que vivem diferentes grupos, mas que têm nas relações entre si um ponto para fazer surgir, a partir de trocas e aproximações, uma nova conformação social. A comunicação se converte no espaço em que bloqueios e contradições podem ser pensadas, exatamente no meio do caminho entre “um subdesenvolvimento acelerado e uma modernização compulsiva” (MARTIN-BARBERO, 2003, p. 270). Trata-se de um olhar complexo lançado sobre o objeto de estudo tomando o campo da comunicação como ponto de maior adensamento das relações. Reconhecer esta proximidade não é, ainda, suficiente para apreender todo o quadro que compõe o campo da comunicação social em Rondônia.

## Referências

- CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas** – Estratégias para entrar e sair da Modernidade. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.
- CEMIN, Arneide Bandeira. **Colonização e Natureza**: análise da relação social do homem com a natureza na colonização agrícola de Rondônia. Dissertação de mestrado - Sociologia. Porto Alegre: UFRGS, 1992.
- COLFERAI, Sandro. Texto, textualidades e jornalismo: a legitimação de práticas culturais nos editoriais do diário Folha de Rondônia. In: COLÓQUIO BINACIONAL BRASIL-MÉXICO DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 2, São Paulo, 2009. **Anais...** São Paulo, 2009
- \_\_\_\_\_. **Jornalismo e identidade na Amazônia**: as práticas culturais legitimadas no jornal Diário da Amazônia como representações identitárias de Rondônia. Dissertação de mestrado – Comunicação Social. Porto Alegre: PUCRS, 2009.
- COULDRY, Nick. **Inside Culture** – Re-imagining the method of cultural studies. London: Sage, 2000.



ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografia dos Estudos Culturais** – Uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FELIPPI, Ângela Cristina Trevisan. **Jornalismo e Identidade Cultural** – Construção da Identidade Gaúcha em Zero Hora. Tese de doutorado – Comunicação Social. Porto Alegre: PUCRS, 2006.

HALL, Stuart. **Da Diáspora, Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2006

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais. In: o autor. **O que é, afinal, Estudos Culturais**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

KARAM, Tanius. Las relaciones entre lenguaje y comunicación em la obra de Raymond Williams. In: **Razón y Palabra**, Ano 14, n. 66, janeiro-fevereiro 2009. Disponível em: <[www.razonypalabra.org.mx](http://www.razonypalabra.org.mx)>. Acesso em 18/04/2009.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações** – Comunicação, Cultura e Hegemonia. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

\_\_\_\_\_. **Ofício de cartógrafo** – Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Loyola, 2004.

\_\_\_\_\_. **As formas mestiças de mídia**. Entrevista à Mariluce Moura. Disponível em <<http://www.ueg.br/materia/as-formas-mestias-da-midia-entrevista-com-jesus-martin-barbero-/2461>>. Acesso em 05/11/2009.

OLIVEIRA, Ovídio Amélio. **Desenvolvimento e Colonização do Estado de Rondônia**. 6. ed. Porto Velho: Dinâmica, 2007.

PINTO, Emanuel Pontes. **Rondônia, evolução histórica** – A criação do território de Guaporé, fator de integração nacional. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1993.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro** – A formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

SOUZA, Carla Monteiro de. **Gaúchos em Roraima**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

STRELOW, Aline do Amaral Garcia. **Análise Global de Periódicos Jornalísticos (AGPJ)**: uma proposta metodológica para o estudo do jornalismo impresso. Tese de doutorado – Comunicação Social. Porto Alegre: PUCRS, 2007.

TEIXEIRA, Carlos Corrêa. **Seringueiros e colonos**: encontro de culturas e utopias de liberdade em Rondônia. Tese de doutorado – Ciências Sociais. Campinas: Unicamp, 1996.

THIÉBLLOT, Marcel Jules. **Rondônia, um folclore de luta**. São Paulo: Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1977